

O actual estatuto da palavra *portanto*

Tiago Freitas

Maria Celeste Ramilo

Instituto de Linguística Teórica e Computacional

0. Introdução

As gramáticas tradicionais atribuem a *portanto* o estatuto de conjunção conclusiva. No entanto, uma observação mais atenta do modo como a palavra é usada na língua depressa nos permite chegar à convicção de que existem outras funções associadas a *portanto*. Esse facto encontra-se inclusivamente documentado nos textos de alguns prescritores modernos, que, como adiante veremos, se pronunciam negativamente em relação aos outros usos que o vocábulo pode ter.

Este fenómeno tem também chamado a atenção de alguns linguistas, existindo trabalhos feitos no sentido de tentar observar e sistematizar essas outras funções de *portanto*. Seguimos de perto o trabalho de Pezatti¹ (2000, 2001) e Lopes et aliae (2001), confrontando os seus resultados com os dados presentes noutra *corpus* e perspectivando a análise de acordo com estes últimos.

O *corpus* em que nos baseamos é constituído exclusivamente por linguagem dos meios de comunicação social portugueses. Tem uma estrutura inovadora no sentido em que contém mais textos da língua oral do que da língua escrita. Por outro lado, é um *corpus* que compreende estilos diversos de linguagem, abrangendo quer o discurso dos profissionais de comunicação quer o discurso dos portugueses em geral, captado por meio de entrevistas, debates, concursos, participações telefónicas, etc. Deste modo, pensamos que é possível realizar um estudo mais aproximado da língua tal como é falada no dia-a-dia, permitindo-nos dar conta da verdadeira utilização que os falantes fazem da palavra *portanto*.

Longe de pretendermos tecer considerações mais ou menos depreciativas acerca do problema, é nosso primeiro objectivo neste trabalho contribuir para uma melhor compreensão do mesmo, fornecendo novos dados para o debate. Pretendemos também contribuir para que a informação constante nas gramáticas tradicionais possa ser actualizada, de maneira a que as suas descrições se aproximem mais da língua real.

¹ Agradecemos à Professora Erotilde Goretti Pezatti a gentileza com que atendeu o nosso pedido, agradecendo igualmente toda a documentação enviada.

1. Observações de prescritores modernos

Como seria de esperar, os prescritores modernos, que em certa medida representam as tendências mais conservadoras associadas à gramática tradicional, produzem textos com declarações muito sentenciosas acerca do facto de *portanto* evidenciar outros usos além do de conjunção conclusiva. Os seus testemunhos são todavia importantes, no sentido em que dão conta de um fenómeno que as gramáticas tradicionais nem chegam a mencionar.

No primeiro trecho que apresentamos, colhido em Estrela (1991), não chega a haver propriamente uma descrição do fenómeno, mas antes uma observação quantitativa acerca da utilização da palavra:

“Digamos... *portanto*... *efectivamente*... *na verdade*, sabemos bem que há quem fale assim. Imagine que há quem diga vinte e duas vezes *portanto* em cada quarenta palavras proferidas.”

O uso frequente da palavra é comentado muito negativamente por Praça (1995):

“As coisas só se complicam (complicam é um modo de dizer...) com a crescente frequência da palavra, utilizada a propósito e a despropósito, mais a despropósito, acrescenta-se já a bem da verdade, inevitável como um tique, irritante como uma espera na paragem do autocarro.”

O autor faz uma descrição superficial do fenómeno, afirmando que os usos de *portanto* que não correspondem à função de conjunção conclusiva são desprovidos de qualquer conteúdo funcional, lexical ou estilístico:

“Acrescenta alguma coisa àquilo que se diz? É claro que não. Facilita a compreensão da mensagem que se pretende transmitir? De modo nenhum. Fornece algum contributo estético à linguagem? Pelo contrário.”

É neste âmbito que surgem as expressões *muleta da linguagem* e *bordão*, apontando aquilo que é frequente designar, no meio linguístico, como marcador conversacional²:

“Quem não deu já consigo encostado a esta muleta da linguagem para mais facilmente se exprimir, quem não teve já de se socorrer deste bordão para melhor aguentar a caminhada diária de comunicar com os outros?”

² O termo *bordão* também é usado no meio linguístico. Cf. Marques (1994), entre outros

É interessante verificar que alguns autores, não obstante reconhecerem a variação relativa ao uso de *portanto*, se recusam a admitir que essa palavra tenha outras funções além da de conjunção conclusiva. Isto leva a que, por vezes, esse termo da gramática tradicional seja empregado de um modo paradoxal. Assim acontece, por exemplo, num texto da autoria de Francisco Alves da Costa³, que insiste em usar a expressão *conjunção conclusiva* quando se está a referir claramente a uma função de outro tipo:

“Nunca se deve iniciar, em português correcto, uma oração pela conjunção conclusiva *portanto*, como certas pessoas passaram a fazer epidemicamente, sempre que são entrevistadas por jornalistas da televisão e da rádio.”

Relativamente à delimitação temporal destas observações, é importante referir que só começaram a surgir em textos recentes, não havendo nenhuma menção ao fenómeno em trabalhos prescritivos anteriores à década de oitenta, como o de Machado (1960) e o de Nogueira (1969). Na obra *Dúvidas do falar português*, que começou a ser publicada em 1983, o caso só viria a ser comentado no quarto volume, já em 1991. À luz destes dados, pensamos que é possível identificar este facto da gramática do português como um fenómeno de mudança que começou a emergir na década de oitenta.

2. Estudos linguísticos

O tema que desenvolvemos neste trabalho já foi abordado em estudos linguísticos anteriores, sendo aí descrito de um modo mais preciso e sistemático que nos textos dos puristas da língua. Referimo-nos em concreto aos estudos de Pezatti (2000) e Lopes et aliae (2001), que se revelaram bastante importantes na orientação da nossa análise.

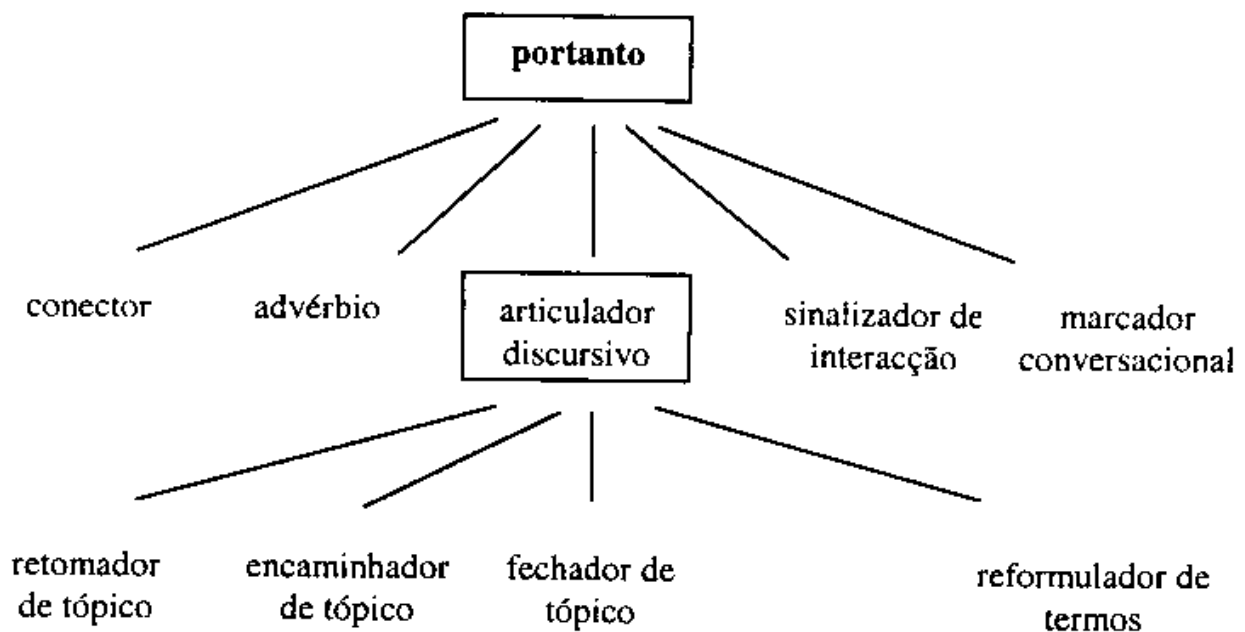
Pezatti (2000) discute o estatuto conjuncional de *portanto*, observando quais os argumentos contra e a favor dessa classificação. Analisando as propriedades de outras expressões de valor conclusivo como *logo*, *então* e *por isso*, a autora conclui que *portanto* não chegou a transformar-se numa verdadeira conjunção, tendo-se contudo afastado do estatuto de mera expressão adverbial. É também essa a conclusão que podemos observar em Mateus et aliae (2003).

Em Lopes et aliae (2001), aquilo que encontramos é uma descrição dos diferentes valores semânticos que *portanto* pode assumir, considerando dados quer do português europeu (PE) quer do português do Brasil (PB). Trata-se de uma abordagem bastante inovadora pelo facto de se fundamentar na observação de *corpora* do português contemporâneo. Depois de consideradas em detalhe as construções em que *portanto* tem a função de operador de conexão conclusiva e depois de diferenciadas estas das construções em que surge com um valor causal ou consequencial,

³ Publicado na rubrica *Barbarismos da Linguagem Corrente* do Jornal dos Olivais.

as autoras partem para uma análise das diferentes funções semânticas da palavra tal como verificadas nos textos recolhidos. Surgem assim valores não mencionados anteriormente na literatura, correspondendo a funções como a de articulador discursivo, sinalizador de interação e marcador conversacional. São indicadas percentagens de ocorrência destas diferentes manifestações de *portanto*, percentagens que teremos oportunidade de discutir ao longo do trabalho, quando apresentarmos os nossos próprios resultados.

É sobre a última parte do trabalho de Lopes et aliae (2001) que nos vamos debruçar mais demoradamente, considerando as diferentes funções identificadas e o modo como são descritas. As autoras propõem a existência de cinco valores básicos associados a *portanto*. Um desses valores, o de articulador discursivo, divide-se por sua vez em quatro subtipos. Vejamos como resulta a sua proposta em esquema:



Como se pode ver, esta é uma tipologia que se baseia sobretudo em propriedades discursivas. O valor de conector é o que corresponde às construções em que é estabelecida uma relação lógica entre duas proposições, em que uma é a premissa e a outra a conclusão, havendo pelo meio uma premissa implícita. Talvez se possa chamar a este o valor canónico, sendo aquele que é referido nas gramáticas tradicionais e nas observações dos prescritores da língua.

A classificação de advérbio aplica-se aos casos em que *portanto* estabelece uma relação de tipo causa-consequência sem que haja um raciocínio inferencial envolvendo uma premissa implícita. Neste caso, *portanto* aproxima-se de outras expressões historicamente relacionadas: *por isso*, *por causa disso*, *por esse motivo*, etc. Como observam as autoras, é muito frequente, neste caso, a palavra aparecer precedida da conjunção copulativa *e*.

Nos casos que vimos até aqui, *portanto* desempenha uma função sintacticamente bem determinada que é a de ligar duas frases por meio de um nexu conclu-

sivo ou causal-consequencial, originando um constituinte suprafrásico. No entanto, a palavra também pode ser usada para ligar outro tipo de elementos. Nesse sentido, *portanto* surge muitas vezes com o valor de articulador discursivo, podendo retomar, encaminhar ou fechar tópicos de conversa. Os constituintes ligados correspondem, neste caso, a unidades estruturalmente variáveis (frases, suprafrases, parágrafos). Ainda no âmbito do valor de articulador discursivo, as autoras consideram a ocorrência do vocábulo enquanto reformulador de termos, indicando a intenção do falante em redefinir os sintagmas ou constituintes frásicos produzidos anteriormente.

Outro dos valores referidos, o de sinalizador de interacção, é o que se verifica quando o falante pretende indicar ao seu interlocutor que a fala que acabou de iniciar está directamente relacionada com aquilo que foi dito na fala imediatamente anterior, servindo, por exemplo, para assegurar que a interpretação feita foi a mais correcta. Trata-se de um uso metadiscursivo de *portanto*.

A palavra pode ainda ocorrer com o valor de marcador conversacional, não tendo qualquer função de ligação entre as diferentes partes do texto. Funciona, no fundo, como uma pausa preenchida, assegurando que o discurso prossegue em contínuo, o que minimiza as possibilidades de mudança e turno. Como referem as autoras, “o locutor recorre ao operador em momentos de hesitação, quando o processamento do discurso não flui”.

Os diferentes valores identificados por Lopes et aliae (2001) são basicamente os mesmos que temos em conta na nossa análise. Isso resulta do facto de a descrição das autoras assentar em princípios sintácticos e semânticos claros e pelo facto de se basear em dados de *corpora*, o que se adequa ao tipo de tratamento que aqui pomos em prática.

3. Tipologia estabelecida

Para observar a distribuição de *portanto* no nosso *corpus*, começámos por estabelecer uma tipologia das funções assumidas pela palavra. Essa tipologia baseia-se, como já referimos, no conjunto de valores que Lopes et aliae (2001) identificaram. A única diferença significativa que há a apontar é o facto de termos considerado a função de reformulador isoladamente, não como um subtipo de articulador discursivo. Reservámos esta última classificação apenas para os casos em que há uma retoma, um encaminhamento ou um fecho de tópico, que se distinguem semântica e estruturalmente dos casos de reformulação. Existem, com efeito, propriedades de articulação discursiva envolvidas na reformulação, mas tal também se verifica relativamente à função de sinalizador de interacção, que as autoras consideram à parte.

Decidimos igualmente simplificar algumas das designações adoptadas pelas autoras, organizando-as de modo a estabelecer um quadro geral mais intuitivo. É esse o quadro que apresentamos a seguir, no qual indicamos as diferentes funções de *portanto* tendo em conta o tipo de conexão que estabelecem. Damos uma breve

definição de cada uma dessas funções, mencionando algumas expressões equivalentes. Mais adiante apresentaremos exemplos destas diferentes ocorrências de *portanto*, tal como recolhidas no nosso *corpus*.

	Função	Descrição	Expressões equivalentes
Conexão de tipo sintáctico (sintacticamente regular)	Conclusivo	Serve para estabelecer uma relação lógica de tipo causa-consequência, na qual há uma premissa implícita.	<i>logo, por conseguinte</i>
	Adverbial	Serve também para estabelecer uma relação de tipo causa-consequência, sem que haja qualquer premissa implícita. Vem geralmente acompanhada da conjunção <i>e</i> .	<i>por isso, em virtude disso, por esse motivo, por causa disso, devido a isso</i>
Conexão de tipo discursivo (sintacticamente irregular)	Articulador	Serve para sintetizar aquilo que acabou de ser dito, surgindo no final de um segmento discursivo.	<i>assim, em suma, concluindo, resumindo</i>
	Reformulador	Serve para redefinir um sintagma ou uma frase que acabou de ser produzida.	<i>isto é, ou antes, ou seja, ou melhor, melhor dizendo</i>
	Sinalizador	Serve para ancorar uma nova fala no discurso, indicando que a nova fala vem no seguimento do que acabou de ser dito.	<i>então, quer dizer que</i>
Valor expletivo	Marcador	Tem a mesma função que as pausas e hesitações, mas servindo para assegurar que o discurso prossigue em contínuo, minimizando por isso as possibilidades de mudança de turno.	\emptyset , <i>eh</i>

Consideremos, então, alguns exemplos do modo como estas funções ocorrem no *corpus* REDIP:

Conclusivo

Depois foi dada a sentença, ele apanhou dois anos de cadeia, saiu meio ano mais cedo, **portanto** esteve ano e meio na prisão.

[*Casos de Polícia*, SIC]

Adverbial

Nem toda a gente sabe isso e **portanto** podem estar a perguntar porque é que vai fazer queixa.

[*Dinheiro Vivo*, RTP2]

Articulador

Dum mal destes não pode vir nenhum bem para a sociedade, embora, enfim, eu pense que um órgão é um bem para a sociedade, um órgão para transplante é de facto, eh, um... um grande bem, mas não pode ter esta proveniência. **Portanto** eu penso que de facto é duma condenação total o que se está aqui a assistir.

[*Casos de Polícia*, SIC]

Reformulador

Há o correio, **portanto**, a abertura do correio, vamos ver as mensagens que há, e a partir daí vamos ver o que é necessário fazer no dia.

[2001, RTP2]

Sinalizador

L10: Confirma-se um ano e meio de contrato, senhor doutor?

L11: É isso que está previsto.

L10: **Portanto** a única coisa que falta é o jogador assinar o contrato?

[*Bola Branca*, Rádio Renascença]

Marcador

Porque é que ele abandonou, quer dizer, não é, **portanto**, ele lá terá as suas razões.

[Jogo Falado, RTP2]

4. Descrição do *corpus* REDIP

O *corpus* em que nos baseámos pertence ao projecto REDIP. Trata-se de um *corpus* constituído unicamente por discurso dos meios de comunicação social. Compreende um total de 324.000 palavras, dois terços das quais correspondem a língua falada. Esta organização do *corpus* é particularmente relevante para a observação da ocorrência de palavras como *portanto*, que têm uma frequência muito maior na língua oral que na língua escrita. Verificamos, com efeito, que do total de atestações da palavra, 98 por cento correspondem ao subcorpus oral e apenas 2 por cento ao subcorpus escrito. É certo que o oral corresponde a uma fatia muito maior do *corpus*, mas, ainda assim, não seria de esperar tamanha disparidade.

Os textos encontram-se também divididos por tema. Estão contemplados seis temas: actualidade, ciência, cultura, desporto, economia e opinião. A cada tema, dentro de cada meio, corresponde um total de 18.000 palavras. Esta partição pode ser esquematizada da seguinte maneira:

	Rádio	Televisão	Imprensa	TOTAIS
Actualidade (A)	18.000	18.000	18.000	54.000
Ciência (C)	18.000	18.000	18.000	54.000
Cultura (Cu)	18.000	18.000	18.000	54.000
Desporto (D)	18.000	18.000	18.000	54.000
Economia (E)	18.000	18.000	18.000	54.000
Opinião (O)	18.000	18.000	18.000	54.000
TOTAIS	108.000	108.000	108.000	324.000

5. Resultados

Tendo em conta a tipologia estabelecida, fomos ver de que modo se distribuíam as ocorrências do vocábulo nos textos do REDIP. Começámos por observar em que partes do *corpus* a palavra surgia com mais frequência. Em seguida, realizámos uma análise estatística tendo por base as diferentes funções evidenciadas pela palavra.

Procurámos, depois, fazer o confronto entre esses dados e os dados obtidos por Lopes et aliae (2001). Os resultados desse confronto têm, no entanto, um valor relativo, pelas razões que adiante explicitaremos.

5.1. *Corpus* REDIP

Existe um total de 664 ocorrências de *portanto* no *corpus* REDIP. Dessas, 652 correspondem à língua oral, aparecendo as restantes 12 nos textos escritos. Em termos estatísticos, ficamos com:

Distribuição de <i>portanto</i> de acordo com o registo	
Oral	Escrito
98%	2%

À luz destes números, é possível afirmar que a palavra *portanto* é característica da expressão oral. Tal como há palavras e expressões típicas do registo escrito⁴, também existem vocábulos usados quase exclusivamente na oralidade⁵. Tendo em conta este facto, consideraremos daqui em diante apenas as ocorrências do registo oral do *corpus*.

⁴ A expressão *com efeito* é um exemplo disso.

⁵ Além de *portanto*, temos casos como *não é, pá, é assim*, etc.

Dentro do oral, verifica-se que a palavra é ligeiramente mais usada na rádio. Trata-se, no entanto, de uma oscilação de valores muito pouco significativa:

Distribuição de <i>portanto</i> de acordo com o meio de comunicação oral	
Rádio	Televisão
52%	48%

Passando agora à distribuição da palavra de acordo com os vários temas contemplados no *corpus*, constatamos que os valores diferem mais significativamente do que antes, consoante se trate da rádio ou da televisão. Nos textos radiofónicos, o tema em que *portanto* aparece com mais frequência é a ciência. Já na televisão, isso verifica-se na economia, com uma percentagem bastante acima dos restantes.

É curioso reparar que os valores da rádio e da televisão convergem num aspecto: o tema com menos ocorrências é o desporto, claramente abaixo de todos os outros. Observemos, então, o quadro com estas indicações:

Distribuição de <i>portanto</i> de acordo com o tema do texto, considerando os meios de comunicação em separado											
Rádio						Televisão					
A	Ci	Cu	D	E	O	A	Ci	Cu	D	E	O
19%	28%	19%	8%	13%	13%	14%	15%	13%	5%	37%	16%

Passando agora à distribuição por tema em ambos os meios, vemos que os temas mais salientes acabam por ser a economia e a ciência, ficando o desporto muito abaixo dos restantes:

Distribuição de <i>portanto</i> de acordo com o tema do texto, considerando os meios de comunicação em conjunto					
A	Ci	Cu	D	E	O
16%	22%	16%	7%	24%	15%

Por que razão é que temas como economia e ciência têm mais atestações? Pensamos que se trata de assuntos que suscitam maior tensão comunicativa, no sentido em que levam a um discurso mais cuidado, mais formal. Não obstante servir para reformulações e para preenchimento de pausas, a palavra acaba por ser usada num tipo de registo menos espontâneo.

No que respeita à distribuição de *portanto* de acordo com a função desempenhada, os valores são bastante significativos. Em quase metade das ocorrências, *portanto* funciona como marcador. Este resultado está em contraste directo com a percentagem apurada relativamente à função conclusiva, que se verifica em apenas oito por cento dos casos. Trata-se de resultados que vêm certamente pôr em causa o estatuto atribuído a *portanto* nas gramáticas tradicionais.

Vejam, então, no quadro que se segue, os valores de ocorrência correspondentes a cada função:

Distribuição da palavra <i>portanto</i> de acordo com a função no total do <i>corpus</i>					
Adverbial	Articulador	Conclusivo	Marcador	Reformulador	Sinalizador
20%	16%	8%	44%	7%	5%

A disparidade entre a frequência da função de marcador e a das restantes funções é mais visível numa representação em gráfico de barras:

5.2. Confronto PE/PB

Depois de apurados os resultados relativos à distribuição de *portanto* de acordo com as suas diferentes funções no *corpus* REDIP, procurámos comparar essas estatísticas com as obtidas em Lopes et aliae (2001). Os resultados desta comparação não podem ser considerados totalmente fiáveis, na medida em que os *corpora* usados não são exactamente do mesmo tipo. Para estudar as ocorrências de *portanto* na oralidade do português europeu, as autoras serviram-se do CRPC⁶, que não contém apenas textos dos meios de comunicação social. Por outro lado, o número de ocorrências por elas analisado é significativamente menor do que aquele que considerámos na nossa recolha. Não obstante estes factos, os valores obtidos são bastante aproximados.

Tal como nós, Lopes et aliae (2001) verificaram que a função com que a palavra aparece com mais frequência é a de marcador. Nesse aspecto, os valores são idênticos. No que respeita às funções de articulador e reformulador, as percentagens são também equivalentes. Apenas no que respeita ao uso adverbial ou conclusivo de *portanto* é que se verificam algumas oscilações:

⁶ Corpus de Referência do Português Contemporâneo, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Confronto estatístico relativo à distribuição das diferentes funções de <i>portanto</i> (dados do oral do PE)		
Estudo	Lopes et aliae (2001)	Freitas e Ramilo (2003)
Número de ocorrências no <i>corpus</i> analisado	50	652
Funções ⁷		
Marcador	50%	44%
Articulador	14%	16%
Adverbial	12%	20%
Reformulador	6%	7%
Conclusivo	4%	8%

Isto leva-nos a concluir que, no português europeu, *portanto* é usado sobretudo como um marcador, independentemente de se tratar da linguagem dos meios de comunicação social. Do mesmo modo, podemos afirmar que o uso da palavra como articulador e como adverbial é bastante significativo, sendo as ocorrências com a função de conclusivo escassas.

Gostaríamos ainda de pôr em confronto os dados do nosso *corpus* com os dados que as autoras obtiveram relativamente à língua oral do PB. Novamente, estão em causa algumas diferenças entre os *corpora* utilizados. Neste caso, as autoras serviram-se do NURC⁸.

Verifica-se, com efeito, uma disparidade muito maior nos valores apresentados numa e noutra variedade. No PB, *portanto* não é usado como um marcador. Isso causa que as percentagens relativas a algumas das outras funções se tornem bem mais expressivas. O aspecto mais saliente deste confronto reside, no entanto, na diferença de valores relativa à função conclusiva. Observemos, então, os resultados obtidos:

⁷ Neste quadro, são apenas indicadas como campos as funções relativamente às quais as autoras apresentaram percentagens.

⁸ Norma Urbana Culta, projecto de investigação brasileiro sobre a língua falada, cujos textos incluem conversas informais, elocuições formais e entrevistas.

Confronto estatístico (dados do oral PE/PB)		
Estudo	Lopes et aliae (2001)	Freitas e Ramilo (2003)
Variedade	PB	PE
Funções		
Marcador		44%
Articulador	26%	16%
Adverbial	37%	20%
Reformulador	5%	7%
Conclusivo	32%	8%
Sinalizador		5%

6. Conclusão

As conclusões a que chegámos podem ser resumidas da seguinte maneira:

- A palavra *portanto* é muito mais usada no registo oral do que no registo escrito
- Observando um *corpus* com textos de língua falada, verificamos claramente que a palavra *portanto* não desempenha apenas a função de operador de conexão conclusiva
- A função de *portanto* varia de acordo com a sua distribuição, ao contrário daquilo que é defendido por alguns autores tradicionais
- Surpreendentemente, tendo em conta a perspectiva tradicional, observamos que a função de operador de conexão conclusiva é das menos significativas, apresentando um índice de ocorrências muito baixo no uso real da língua
- No português europeu, a palavra *portanto* é sobretudo usada enquanto marcador conversacional, tendo um valor expletivo
- Seguem-se, na lista de funções mais frequentes, a de adverbial e a de articulador
- A ocorrência de *portanto* como operador de conexão conclusiva é muito pouco significativa
- Ao contrário do que foi feito até agora, as gramáticas devem ter em conta a diversidade de funções que *portanto* pode apresentar no uso real da língua

7. Bibliografia

- Bechara, Evanildo (2001) *Moderna gramática portuguesa*. Lucerna, Rio de Janeiro.
- Dias, Augusto Epifânio da Silva Dias (1905) *Gramática portuguesa elementar*. A. Ferreira Machado & C^a Editores, Lisboa.
- Estrela, Edite (1991) *Dúvidas do falar português: consultório da língua portuguesa*. Volume 4. Editorial Notícias, Lisboa.
- Jucker, Andreas H. e Yael Ziv (ed.) *Discourse markers: description and theory*. Pragmatics & Beyond New Series, 57. John Benjamins, Amesterdão.
- Lopes, Ana Cristina Macário et aliae (2001) *As construções com portanto no PE e no PB*. In *Scripta*, volume 5, número 9. PUC Minas, Belo Horizonte.
- Machado, Raul (1960) *Charlas lingüísticas*. Volume 1 e 2. Sociedade da Língua Portuguesa, Lisboa.
- Marques, Maria Lúcia Garcia (1994) *Os bordões da língua falada, a norma e o uso*. In *Revista Internacional da Língua Portuguesa*, número 12. AULP, Lisboa.
- Mateus, Maria Helena Mira et aliae (2003) *Gramática da língua portuguesa*. Editorial Caminho, Lisboa.
- Nogueira, Rodrigo de Sá (1969) *Dicionário de erros e problemas de linguagem*. Clássica Editora, Lisboa.
- Peres, João Andrade (1997) *Sobre conexões proposicionais em português*. In *O sentido que a vida faz*. Campo das Letras, Porto.
- Pezatti, Erotilde Goreti (2000) *Portanto: conjunção conclusiva ou advérbio?* In *Scripta*, volume 4, número 7. PUC Minas, Belo Horizonte.
- Pezatti, Erotilde Goreti (2001) *A posição de portanto na oração*. In *Estudos Lingüísticos*, volume 30. Grupo de Estudos Lingüísticos do estado de São Paulo, São Paulo.
- Praça, Afonso (1995) *Um momento de ternura e nada mais*. Editorial Notícias, Lisboa.